

Novas considerações acerca de uma epígrafe memorativa identificada em Lustosa (Lousada)

Manuel Nunes* e Paulo Lemos**

Palavras-chave

Lustosa; séculos XVII e XVIII; epígrafe memorativa.

Keywords

Lustosa; 17th and 18th centuries; memorial epigraph.

Resumo

Na freguesia de Lustosa, no lugar das Quintãs, numa pequena estrutura habitacional dos séculos XVII/XVIII, foi detetada uma inscrição memorativa, gravada no umbral da porta de acesso a uma das dependências da casa. O teor da epígrafe, o seu enquadramento histórico e as interpretações associadas são as questões que se procuram discutir no âmbito deste artigo.

Abstract

In the parish of Lustosa, in a place called Quintãs, in a small housing structure housing from the 17th and 18th centuries, it was detected a memorial inscription on the door-post of the access door to one of the rooms of the house. The content of the inscription, its historical background and the associated interpretations are the questions that we intend to discuss within this article.

* Arqueólogo.

** Arqueólogo.

A primeira versão deste artigo foi publicada no Suplemento de Arqueologia da *Revista Municipal de Lousada* (Nunes e Lemos, 2014b: 1-4).

1. Introdução

Em setembro de 2013, na sequência de trabalhos de prospeção levados a cabo no âmbito da 2.^a fase do projeto *Inventário Patrimonial da Freguesia de Lustosa*, concelho de Lousada, foi detetada, na Rua de Quintãs, uma inscrição gravada num silhar granítico, pertencente a um pequeno edifício (72 m²) devoluto, propriedade da Casa de Rio de Porto. A construção, que integra um espaço habitacional composto por uma outra estrutura, separada daquela por um pequeno “quinteiro” pavimentado, apresenta uma arquitetura simples, com planta térrea retangular (12 m x 6 m), de orientação genérica sudoeste/nordeste, com a fachada principal, onde se rasgaram três portas de acesso a cada uma das três divisões existentes, orientada a noroeste¹. Foi precisamente na ombreira direita da porta que servia de acesso à cozinha, localizada no centro do edifício,

que foi detetada a referida epígrafe de carácter memorativo, cuja particularidade reside no facto de ostentar, na última das três regras, o trigrama do nome de Jesus. O facto, independentemente do teor da inscrição, enquadra-se, aparentemente, num movimento, recorrentemente documentado, de sagração dos espaços domésticos em épocas moderno-contemporâneas, à laia do que era prática na época medieval (Barroca e Alarcão, 2012: 172), seja pelo recurso ao texto, seja pela gravação de motivos cruciformes, simbólicos ou esquemáticos de diferentes tipologias (Nunes e Lemos, 2013: 100; 2014a: 1-4).

2. A inscrição

A epígrafe tem como suporte um bloco granítico de grão grosso, de feição retangular (50,2 cm x 35,3 cm x 72 cm), incorporado na ombreira direita de uma porta, no remate da respetiva pa-

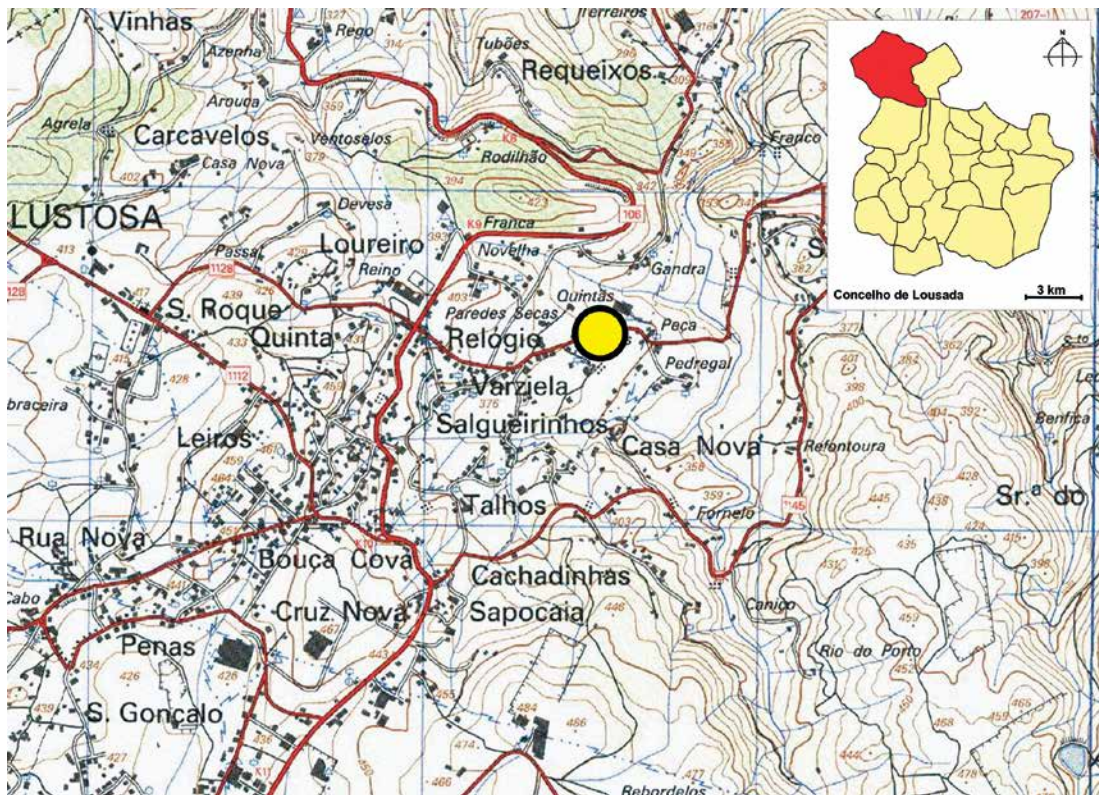


Figura 1. Localização administrativa da epígrafe detetada na Rua de Quintãs, em Lustosa. Fonte: Instituto Geográfico do Exército (Carta Militar de Portugal).

¹ Coordenadas: N 41°20'11,03"; W 08°18'15,26". Altitude: 379 m.



Figura 2. Aspecto geral do umbral da porta e respetiva epígrafe.

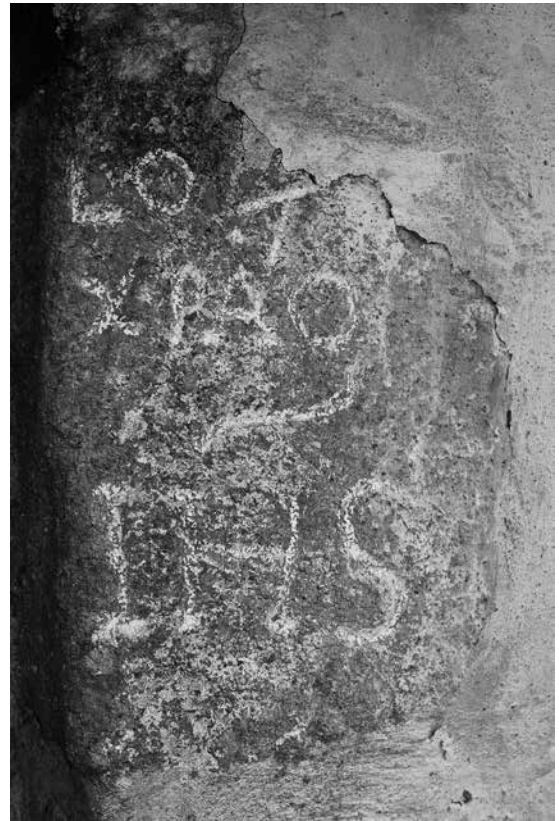


Figura 3. Pormenor da epígrafe, com levantamento monocromático.

dieira. À data da identificação, o silhar apresentava o terço superior revestido a cimento, situação que impedia a perceção da sua real dimensão, bem como da extensão da área epigrafada. A remoção da argamassa acabou por confirmar a leitura inicial, muito embora viesse a revelar um notório trabalho de desbravamento, com recurso a pico metálico, certamente com a intenção de adequar o silhar àquele espaço e aprimorar a superfície destinada a receber a gravação. O campo epigráfico possui 32,2 cm de altura e 25,4 cm de largura, sendo parcialmente ocupado por uma inscrição em letra capital, que se desenvolve em três regras assimétricas, com alinhamento à esquerda. A inscrição foi produzida com recurso a siglas, abreviaturas e contrações, sendo evidente

a utilização de um único ponto em expoente na primeira regra, sobre a letra “A”. Relativamente à métrica, conforme é perceptível pela análise da Tabela 1, os dados revelam diferenças significativas entre as duas primeiras linhas e a terceira linha da inscrição, sugerindo, pelo menos, dois momentos distintos para a sua produção. De facto, divergências ao nível da altura e forma das letras (espessura e profundidade dos traços) e da inclinação das linhas face ao eixo que se desenvolve perpendicularmente aos limites do campo epigráfico, indiciam que a terceira e derradeira regra terá sido gravada num momento distinto, talvez posterior, reflexão consubstanciada pelo destaque conferido ao til, que, apesar de surgir, aparentemente, como remate do trigrama presente na terceira

Linha	Espaçamento interlinear		Altura das letras		Largura do traço		Profundidade do traço		Inclinação da linha
	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	Max.	Min.	
1	4,3	0,8	5,6	4,1	0,8	0,5	0,4	0,2	0°
2	4,5	0,9	5,6	4,5	1,1	0,6	0,5	0,2	0°
3	4,6	1,5	12,1	10,3	1,5	1,1	0,8	0,4	10°

Tabela 1. Dados métricos da inscrição (medidas em centímetros (cm) e graus (°)).

regra, se encontra claramente em desalinho com aquele, associando-se, ao invés, à segunda regra e, em particular, ao ditongo “AO”, que lhe confere a nasalação.

Finalmente, um derradeiro aspecto a ter em conta no estudo desta inscrição é a presença de marcas de pico que cortam as sequências de gravação de algumas letras. Apesar de este facto poder sugerir uma proveniência exógena da pedra e, portanto, um possível contexto de reaproveitamento, a verdade é que tanto as características litológicas do silhar, absolutamente coincidentes com as restantes pedras que compõem o umbral da porta, como a organização e distribuição da inscrição pelo campo epigráfico, concorrem para a validação de uma gravação produzida *in situ*, sendo as marcas de pico, por conseguinte, o resultado de uma ação posterior de regularização da parede, destinada a rechear e argamassar os interstícios.

3. A interpretação

A inscrição em estudo apresenta a seguinte transcrição:

LO
XP̄ĀO
IHS

Tratando-se de uma inscrição que surge em contexto doméstico, numa estrutura modesta, do ponto de vista arquitetónico, e sem qualquer relação aparente com espaços contíguos de outra natureza, afigura-se difícil a sua contextualização crono-cultural e, por conseguinte, a sua descodificação histórica². Todavia, a leitura que apresentamos aponta para um provável contexto memotativo e de sagração espacial, talvez relacionado com a conclusão de uma obra na casa, uma edificação cuja cronologia nos remete para a Época Moderna, provavelmente entre os séculos XVII e XVIII.



Figura 4. Epígrafe com luz rasante, sendo notórias as marcas de pico.

A leitura da inscrição é a seguinte:

L(ourenç)O / XP(istóv)ĀO / I(esus) H(ominum) S(alvator)

A tradução da inscrição resulta no texto:

Lourenço Cristóvão. Jesus Salvador dos Homens

A opção pelo antropónimo Lourenço, em detrimento de “Lopo” ou “Leonardo”, opções em aberto num primeiro momento, prendeu-se, por um lado, com a sua frequência no registo escrito da Idade Moderna portuguesa, mas também com o facto de ter sido possível coligir, a partir dos registos paroquiais da freguesia de Lustosa³, um conjunto significativo de referências, quer a “Lourenço”, quer a “Cristóvão”. De entre os re-

² Numa primeira leitura, interpretámos de forma errónea parte da segunda regra da inscrição, sugerindo tratar-se de uma representação do cristograma de Constantino, que é formado pela sobreposição das duas primeiras letras da grafia da palavra grega “Cristo” (Χριστός), à qual se associam, frequentemente, os símbolos gregos alfa (Α/α) e ómega (Ω/ω) apostos, respetivamente, à esquerda e à direita do monograma.

³ Arquivo Distrital do Porto. Paróquia de Santiago de Lustosa (Lousada). 1663-1690, Livro 1, fl. 47v.



Figura 5. Levantamento gráfico da inscrição e respetivo silhar de suporte, com evidência da presença de cimento.

gistos arrolados, um em particular, por congregar ambos os nomes, permitiu uma associação direta à situação em estudo: “Lourenço filho de Cristovão Alvares e de sua mulher Hironima Borges do lugar da Bouça foi batizado na pia desta igreja por mim Adam Pereira coadjutor della aos dezasseis dias de agosto do anno de seiscentos e oitenta e dous [1682] foi padrinho Guialter Ferreira da freguesia de Reimonda e madrinha Anastazia Francisca molher de Antonio Martins desta freguesia de que fiz este termo dia era ut supra. Adam Pereira”⁴.

O texto em apreço corresponde, quer no conteúdo, quer no contexto cronológico (século XVII), ao teor que apresentamos para a leitura da epígrafe, referenciando “Lourenço Cristóvão” ou, muito possivelmente, “Lourenço filho de Cristóvão”, numa clara evocação patronímica. Ora, se

“LO” é uma abreviatura de Lourenço, “XPÃO” é uma abreviatura corrente de Cristóvão, feita com as letras gregas “X” (qui) e “P” (ro) e o ditongo nasal “ÃO”, cujo til está bem visível no registo, embora sublinhando e não encimando o ditongo, como visível está o sinal da contração, aqui sob a forma de um ponto em expoente sobre a letra “A”⁵.

Relativamente ao derradeiro monograma desta inscrição (IHS), Édouard Urech (1972: 92-93) indica que o uso das letras IHS como abreviatura do nome de Jesus (*ihsous*, no alfabeto latino) remonta à cópia dos manuscritos gregos do Novo Testamento, quando os copistas começaram a abreviá-lo de diferentes formas: com a primeira e última letra ($\eta\eta$); ou com as duas ou três primeiras letras ($\eta\eta\varsigma$, $I\eta\varsigma$ em caracteres maiúsculos). Sobre qualquer uma destas abreviaturas colocava-se sempre um traço horizontal, que indicava a supressão de várias letras. Esta opinião é corroborada por Michel Feuillet (2005: 153). Segundo o autor, este trigramma tem origem nas letras gregas $I\eta\varsigma$ (*iota, êta e sigma*), correspondentes a $I\eta\varsigma\text{OY}\varsigma$ (Jesus). Durante a Idade Média, o *sigma* final grego acabou por ser substituído pelo correspondente “S” do alfabeto latino, enquanto o *êta* grego, devido à sua similitude com o “H”, acabou por se manter e fixar, dando origem à transliteração “IHS”, que Feuillet interpreta como *Iesus Hominum Salvator*. No entanto, este trigramma tem sido interpretado como acrónimo de diversas outras frases⁶, incluindo aquela que, a partir do século XVI, por mão dos jesuítas, se tornará universalmente reconhecida: *Iesum habemus socium* (temos Jesus por aliado). Ainda assim, no caso desta última versão, é usual a iconografia jesuítica apresentar o trigramma com uma cruz latina, que assenta sobre a letra “H”, razão pela qual julgamos que, no caso em apreço, o desdobramento de IHS não deve ter como pressuposto a máxima celebrada pela ação da Companhia de Jesus.

⁴ Agradecemos ao Dr. Pedro Magalhães a disponibilização da transcrição do registo.

⁵ Agradecemos ao Dr. João Gomes Abreu Lima os contributos para a interpretação da inscrição.

⁶ Na opinião de Louis Réau (2000: 33-34), o trigramma IHS não provém do grego, tratando-se, simplesmente, de uma abreviatura de Ihesus, a ortografia habitual do nome de Jesus, na Idade Média.

Fontes e Bibliografia

Fontes

Arquivo Distrital do Porto. Paróquia de Santiago de Lustosa (Lousada). 1663-1690, Livro 1.

Bibliografia

BARROCA, M.; ALARCÃO, J. (2012) – *Dicionário de arqueologia portuguesa*. Porto: Figueirinhas.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. (2010) – *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.

FEUILLET, M. (2005) – *Léxico dos símbolos cristãos*. Lisboa: Publicações Europa-América.

NUNES, M.; LEMOS, P. (2013) – *Lustosa, património e identidade*. Lustosa: Junta de Freguesia de Lustosa.

_____ (2014a) – Estudo dos grafitos nas moagens tradicionais dos rios Sousa e Mezio (Lousada): métodos, procedimentos e resultados. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Lousada. Ano 15, 3.ª Série, n.º 116, p. 1-4.

_____ (2014b) – Uma inscrição, dois monogramas: reflexões acerca de uma epígrafe inédita em Lustosa (Lousada). Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Lousada. Ano 15, 3.ª Série, n.º 121, p. 1-4.

RÉAU, L. (2000) – *Iconografía del arte cristiano*. Barcelona: Ediciones del Serbal. Tomo I, vol. II, p. 33-34.

URECH, É. (1972) – *Dictionnaire des symboles chrétiens*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, p. 92-93.

Cartografia

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHA 99 [Material cartográfico] / Instituto Geográfico do Exército – Escala 1: 25 000 – Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.